

Meus doentes e analisandos puseram-me de tal modo a realidade da vida ao alcance da mão, que fui levado a esclarecer fatos essenciais. O encontro de seres humanos, de gêneros e níveis psicológicos os mais diversos, foi para mim de uma importância extrema e incomparável; seu valor foi maior do que o das conversas eloqüentes com personalidades célebres. Os diálogos mais belos e cheios de conseqüências que tive na vida foram anônimos.

SIGMUND FREUD¹

A aventura do meu desenvolvimento interior, intelectual e espiritual, havia começado pela escolha da profissão de psiquiatra. Com toda a ingenuidade, comecei a observar os doentes mentais clinicamente pelo exterior. Dessa forma deparava com processos psíquicos de natureza surpreendente; eu os registrava e classificava sem a menor compreensão de seus conteúdos que, uma vez rotulados como "patológicos", pareciam suficientemente caracterizados. Com o tempo, meu interesse concentrou-se cada vez mais no gênero de doentes que me possibilitava a experiência de algo compreensível: os casos paranóides, de loucura maníaco-depressiva e de perturbações psicógenas. Desde o início de minha carreira psiquiátrica, os estudos de Breuer e de Freud, e também os trabalhos de Pierre Janet me estimularam e me enriqueceram. Sobre tudo as primeiras tentativas de Freud, em busca do método de análise e de interpretação dos sonhos, foram fatores decisivos para a minha compreensão das formas de expressão esquizofrênicas. Já em 1900 lera a *Interpretação dos Sonhos*, de Freud.² Mas eu pusera o livro de lado, pois ainda não o compreendia. Com vinte e cinco anos minha experiência era insuficiente para examinar as teorias de Freud; só mais tarde isto foi possível. Em 1903, retomei a *Interpretação dos Sonhos* e descobri a relação que havia entre esta obra e minhas próprias idéias. O que mais me interessava nela era, em primeiro lugar, a utilização no domínio do sonho da noção de "mecanismo do recalque"; emprestada à psicologia das neuroses. A importância que eu atribuía a ela se ligava ao fato de encontrar frequentemente recalques no curso de minhas experiências de associações; a certas palavras indutoras, os pacientes não encontravam resposta associativa ou davam-na somente depois de um tempo de reação prolongado. Pareceu-me logo que tal perturbação se produzia cada vez que a palavra indutora tocava uma dor moral ou um conflito. Na maior parte das vezes, o doente não tinha

¹ Este capítulo deve ser considerado como um mero complemento dos numerosos escritos que C. G. Jung consagrou a Sigmund Freud e à sua obra. Ver, particularmente: *Der Gegensatz Freud und Jung (A Oposição entre Freud e Jung)*, in *Seelenprobleme der Gegenwart*, 5.ª edição, 1950. *Sigmund Freud als kulturhistorische Erscheinung*, 1932, etc.

² No necrológio consagrado a Freud (*Basler Nachrichten*, 1.º de outubro de 1939), Jung afirmou que esse livro "revolucionava sua época" e "que era a tentativa mais audaciosa jamais empreendida com vista a dominar os enigmas da psique inconsciente no terreno aparentemente sólido da empiria... Para nós, que na época éramos jovens psiquiatras, esse livro foi uma fonte de iluminações; ao passo que para nossos colegas mais idosos era objeto de escárnio".

consciência disso e quando eu o interrogava sobre a causa dessa perturbação, ele respondia num tom muitas vezes bastante artificial. A leitura de *Interpretação dos Sonhos* de Freud ensinou-me que o mecanismo do recalque atuava nesses casos, e os fatos que eu observara concordavam com a sua teoria. Eu podia apenas confirmar suas explicações.

No que concerne ao conteúdo do recalque eu não concordava com Freud. Como causa do recalque, ele apontava o trauma sexual, e eu achava isso insatisfatório. Através do trabalho prático, conheci numerosos casos em que a sexualidade desempenhara papel secundário, enquanto outros fatores ocupavam o lugar principal: por exemplo, o problema de adaptação social, da opressão pelas circunstâncias trágicas da vida, as exigências de prestígio, etc. Mais tarde, apresentei a Freud casos deste gênero, mas ele não quis admitir como causa qualquer outro fator que não fosse a sexualidade. Isso me parecia altamente insatisfatório.

No início, não me foi fácil dar a Freud o lugar que lhe correspondia em minha vida ou assumir uma atitude justa frente a ele. Ao tomar conhecimento de suas obras, desenhava-se diante de mim uma carreira universitária; eu estava prestes a terminar um trabalho que devia me assegurar uma promoção na universidade. Ora, justamente nessa época Freud era *persona non grata* no mundo universitário, sendo prejudicial a todo cientista de renome ter relações com ele. As "pessoas importantes" só o mencionavam às escondidas e, nos congressos, só era discutido nos corredores e nunca nas sessões plenárias. Assim, pois, não me era fácil ser obrigado a constatar a concordância de minhas experiências associativas com as teorias de Freud.

Um dia, encontrava-me no laboratório, preocupado com estes problemas, quando o Diabo murmurou ao meu ouvido que eu tinha o direito de publicar o resultado de minhas experiências e conclusões sem mencionar Freud. Não me dedicara a tais experiências muito antes de compreender o que quer que seja de sua obra? Ouvi então a voz de minha segunda personalidade: "E fraudulento agir como se você não conhecesse Freud. Não se pode edificar a própria vida sobre uma mentira." O caso ficou então resolvido. A partir desse instante tomei abertamente o partido de Freud e lutei a seu favor.

Quebrei minhas primeiras lanças por sua causa em Munique, quando num congresso seu nome foi propositalmente omitido a propósito das neuroses obsessivas. Em seguida, em 1906, escrevi um artigo para a revista *Münchener Medizinische Wochenschrift* sobre a doutrina freudiana das neuroses, que havia contribuído grandemente para a compreensão das neuroses obsessivas.³ Depois desse artigo dei

³Die *Hysterische* Freuds: eine *Entwiderung auf die Aschaffenburgische Kritik*. Ges. Werke. Band IV.

professores alemães escreveram-me cartas de advertência: se eu persistisse em continuar ao lado de Freud e a defendê-lo, meu futuro universitário estaria em perigo. Respondi: "Se o que Freud diz é verdadeiro, ficarei com ele. Pouco me importa uma carreira que silencie a verdade e mutilasse a pesquisa." Continuei a defender Freud e suas idéias. A única diferença era que, apoiado em minhas próprias experiências, não podia concordar que todas as neuroses fossem causadas por recalques ou traumas sexuais. Tal hipótese era válida em certos casos e não em outros. Mas, de qualquer maneira, Freud abstraiu um novo caminho de pesquisa e a indignação do ambiente de então contra ele me parecia absurda.⁴

Encontrei pouca compreensão para as idéias expostas na *Psicologia da Demência Precoce*; meus colegas riam-se de mim. Foi, entretanto, por ocasião desse trabalho que se estabeleceu meu contacto com Freud. Ele convidou-me para ir à sua casa, e em fevereiro de 1907 encontramos-nos pela primeira vez em Viena. Conversamos a partir de uma hora da tarde, quase ininterruptamente, durante treze horas. Freud era a primeira personalidade verdadeiramente importante com a qual me relacionava. Ninguém entre as pessoas que eu conhecia podia se comparar com ele. Em sua atitude nada havia de trivial. Eu o achei extraordinariamente inteligente, penetrante, notável sob todos os pontos de vista. No entanto, as primeiras impressões que dele recebi permaneceram vagas, e em parte, incompreendidas.

O que ele me disse de sua teoria sexual me impressionou. Suas palavras, entretanto, não puderam remover meus escrúpulos e minhas dúvidas. Eu as expus várias vezes, mas ele me lembrava minha falta de experiência. Freud tinha razão. Naquela época eu ainda não tinha bastante experiência para justificar essas objeções. Compreendi que sua teoria sexual tinha para ele enorme importância. Fiquei muito im- de vista pessoal, quanto do ponto de vista filosófico. Fiquei muito impressionado com isso, mas não pude ver em que medida essa ênfase na apreciação da sexualidade estava ligada a preconceitos subjetivos dele ou até que ponto repousava em experiências objetivamente demonstráveis.

Foi principalmente sua atitude em relação ao espírito que me pareceu problemática. Cada vez que a expressão de uma espiritualidade se manifestava num homem ou numa obra de arte, ele desconfiava e recorria à hipótese da "sexualidade recalçada". Tudo o que não era imediatamente interpretável como sexualidade se reduzia,

⁴Depois que Jung (1906) enviou a Freud sua obra sobre os *Diagnostischen Assoziationstadien*, estabeleceu-se uma correspondência entre os dois sábios. Mantive-se até 1913. Em 1907 Jung enviara a Freud sua obra *Die Psychologie der Demencia praecox*. (A. J.)

segundo ele a "psicosexualidade". Objetei que, logicamente, levada as últimas conseqüências, suas hipóteses conduziam a raciocínios que destruíam toda a civilização: esta tomava a aparência de uma simples farsa, conseqüência mórbida do recalque sexual. "Sim", confirmou ele, "é assim mesmo. É uma maldição do destino em face da qual somos impotentes". Eu não estava absolutamente disposto a dar-lhe razão, nem a permanecer nessa atitude. Não me sentia, porém, à altura para discutir com ele.

Por ocasião de nosso primeiro encontro, outras circunstâncias me pareceram importantes; tratava-se de fatos que não pude aprofundar e compreender senão no declínio de nossa amizade. Era evidente que Freud tinha um apego extraordinário à sua teoria sexual. Quando falava sobre isso era num tom insistente, quase ansioso, e desapaixada quietude, cuja causa eu ignorava, marcava seu rosto. Isso me impressionava muito: a sexualidade era, para ele, uma realidade numinosa. Minha impressão foi confirmada por uma conversa que tivemos cerca de três anos mais tarde (1910), novamente em Viena.

Tenho ainda uma viva lembrança de Freud me dizendo: "Meu caro Jung, prometa-me nunca abandonar a teoria sexual. É o que importa, essencialmente! Olhe, devemos fazer dela um dogma, um baluarte inabalável." Ele me dizia isso cheio de ardor, como um pai que diz ao filho: "Prometa-me uma coisa, meu caro filho: vá todos os domingos à igreja!" Um tanto espantado, perguntei-lhe: "Um ba-luarte — contra o quê?" Ele respondeu-me: "Contra a onda de lodo do ocultismo! O que me alarmou em primeiro lugar foi o "baluarte" e o "dogma"; um dogma, isto é, uma profissão de fé indiscutível surge apenas quando se pretende esmagar uma dúvida, de uma vez por todas. Não se trata mais de um julgamento científico, mas revela somente uma vontade de poder pessoal.

Esse choque feriu o cerne de nossa amizade. Eu sabia que jamais poderia concordar com essa posição. Freud parecia entender por "ocultismo", aproximadamente, tudo o que a filosofia e a religião — assim como a parapsicologia nascente — diziam da alma. Mas para mim a teoria sexual era tão "oculta" — isto é, não demonstrada, ainda — da meta hipótese como tantas outras concepções especulativas. Eu considerava uma verdade científica como uma hipótese, momentaneamente satisfatória, mas não um artigo de fé eternamente válido. Sem compreender bem, observara nessa época uma irrupção de fatores religiosos inconscientes em Freud. Evidentemente, ele queria recrutar-me para uma defesa comum contra estes conteúdos inconscientes ameaçadores.

A impressão causada por esta conversa contribuiu para minha contusão: até então eu jamais considerara a sexualidade uma coisa

flutuante, precária, à qual se deve permanecer fiel, com medo de perdê-la. Para Freud a sexualidade tinha, aparentemente, mais importância significativa do que para os demais. Era para ele uma coisa a ser observada e refletida religiosamente. Numa tal atmosfera, quaisquer interrogações e reflexões impõem em geral reserva e discricão. Dessa forma, a conversa, depois de algumas tentativas balbuciantes de minha parte, foi acabando.

Fiquei profundamente impressionado, constangido e perturbado. Tinha o sentimento de haver lançado um olhar furtivo em direção a um país novo e desconhecido de onde afluiam nuvens de idéias novas. Parecia-me claro que Freud, proclamando sempre e insistentemente sua irreligiosidade, construira um dogma; ou melhor, substituíra o Deus cunento que perdera, por outra imagem que se impusera a ele: a da sexualidade. Ela não era menos premente, importante, exigente, ameaçadora e moralmente ambivalente. Psicologicamente falando, aquilo que é mais forte e, portanto, mais temível, toma os atributos de "divino" e de "demoníaco"; da mesma forma, a "libido sexual" se revestira e desempenhava nele o papel de um deus oculto. A vantagem desta transformação consistia, para Freud, ao que parece, que o novo princípio "numinoso" se lhe afigurava cientificamente irrecusável e livre de qualquer hipótese religiosa. Mas, no fundo, a numinosidade — enquanto classificação psicológica desses contrários, racionalmente incomensuráveis, que são Javé e a sexualidade — permanecia a mesma. Só mudara o nome, e por conseguinte o ponto de vista. Não se devia buscar no alto e sim no baixo aquilo que se perdera. Ora, que importa ao mais forte esta ou aquela designação? Se não existisse a psicologia, mas só objetos concretos, ter-se-ia, de fato, destruído um e posto outro em seu lugar. Na realidade, no domínio da experiência psicológica, absolutamente nada desapareceu do caráter premente, angustiante, obsessivo, etc. Tanto antes quanto depois, o problema persiste em saber como se porá fim à angústia, à má consciência, à culpabilidade, à coação, à inconsciência, à instintividade ou como escapar disso. Se não for possível conseguí-lo partindo do lado claro e idealista, talvez seja possível atingí-lo, partindo do lado obscuro e biológico.

Como chamam que subitamente se arriassem, essas idéias brilharam em meu espírito. Muito mais tarde, ao refletir sobre o caráter de Freud, elas adquirem importância para mim e revelaram todo o seu significado. Um detalhe me preocupava particularmente: a amargura de Freud. Já em nosso primeiro encontro isso me chocara. Durante muito tempo não compreendi o motivo, até que percebi o quanto esse estado se relacionava com sua atitude em relação à sexualidade. Certamente, para Freud, a sexualidade era numinosa, mas em sua terminologia, em sua teoria a considerava exclusivamente como função biológica. A animação com que falava desse tema per-

mita concluir que tendências ainda mais profundas ressoavam nele. Em suma: ele queria ensinar — pelo menos é o que me pareceu — que, considerada subjetivamente, a sexualidade engloba também a espiritualidade, ou possui uma significação intrínseca. Mas sua terminologia, demasiado concreta, era muito restrita para poder formular esta idéia. Minha impressão era que, no fundo, ele trabalhava amargura do que a de um homem que é seu mais encarniado inimigo? Citando palavras suas: ele se sentia ameaçado por uma "onda de lodo negro"; ele, aquele que antes de qualquer outro tentara penetrar e tirar a limpo as profundidades negras.

Freud nunca se interrogou acerca do motivo pelo qual precisava falar continuamente sobre sexo, porque esse pensamento a tal ponto se apoderara dele. Nunca percebeu que a "monotonia da interpretação" traduzia uma fuga diante de si mesmo ou de outra parte de si que ele teria talvez que chamar de "mística". Ora, sem reconhecer esse consigo mesmo. Era cego em relação ao paradoxo e à ambigüidade dos conteúdos do inconsciente e não sabia que tudo o que dele surge tem um alto e um baixo, um interior e um exterior. Quando se fala apenas do aspecto exterior — é o que Freud fazia — só se toma em consideração uma das metades e como consequência inevitável nasce uma reação no inconsciente.

Em face da unilateralidade de Freud, nada havia a fazer. Talvez só uma experiência interior de cunho pessoal teria podido abrir-lhe os olhos. E mestre assim seu intelecto talvez o reconduzisse à simples "sexualidade" ou "psicosexualidade". Ele tornou-se vítima do único lado que podia identificar, e é por isso que o considero uma figura trágica: pois era um grande homem e, o que é principal, tinha o fogo sagrado.

Depois da segunda conversa em Viena compreendi a hipótese da vontade de poder elaborada por Alfred Adler, à qual, até aquele momento, eu não prestara a devida atenção: como inúmeros filhos, Adler não retirava do pai apenas o que ele dizia, mas sim o que ele *fazia*. Depois, houve o problema da confrontação do problema do amor — ou Eros — e do poder, que caiu sobre mim como uma opressiva capa de chumbo. Mais tarde, Freud disse-me que nunca lera Nietzsche. De resto, eu considerava a psicologia de Freud uma obra da história do espírito que vinha compensar a divinição do princípio de poder realizada por Nietzsche. O problema realmente não era "Freud versus Adler", mas "Freud versus Nietzsche". Esse problema me pareceu bem mais importante do que uma contenda doméstica no domínio da psicopatologia. Surgiu-me a idéia de que Eros e o instinto de poder eram como que irmãos inimigos, filhos de

um só pai, filhos de uma força psíquica que os motivava e — como a carga elétrica positiva e negativa — se manifestava na experiência sob a forma de oposição: o Eros como *patiens*, como uma força que se sofre passivamente, e o instinto de poder como um *agens*, como força ativa, e vice-versa. O Eros recorre tantas vezes ao instinto de poder como o instinto de poder ao Eros: O que seria um desses instintos sem o outro? O homem, por um lado, sucumbe ao instinto e, por outro, procura dominá-lo. Freud mostra como o objeto sucumbe ao instinto, Adler, como o homem utiliza o instinto para violentar o objeto. Nietzsche, entretanto a seu destino e sucumbindo a ele, precisou criar um "super-homem". Freud — tal era a minha conclusão — deve ter sido, de tal forma subjulgado pelo poder do Eros, que procurou levá-lo, como um *numen* religioso, ao nível de dogma *aere perennius* (de dogma eterno). Isto não é um segredo para ninguém: "Zaratustra" é o anunciador de um evangelho e Freud chega a competir com a Igreja através de sua intenção de canonizar doutrinas e preceitos. É verdade que não o fez com alarde; pelo contrário, ele me atribuiu a intenção de querer passar por um profeta. Ele formula a trágica exigência e logo a apaga. É assim que se procede freqüentemente no tocante às concepções numinosas: isso é justo porque, de um ponto de vista elas são verdadeiras, enquanto que, de outro, são falsas. O acontecimento numinoso vivido eleva e rebaixa simultaneamente. Se Freud tivesse apreciado melhor a verdade psicológica que faz da sexualidade algo de numinoso — ela é um Deus e um Diabo — não teria ficado prisioneiro de uma noção biológica mesquinha. E Nietzsche, com sua exuberância, talvez não tivesse caído fora do mundo se tivesse permanecido nos fundamentos da existência humana.

Cada vez que um acontecimento numinoso faz vibrar fortemente a alma, há perigo de que se rompa o fio em que estamos suspensos. Então o ser humano pode cair num "sim" absoluto ou num "não" que também o é! "Nirdvandya" — "livre dos dois" — diz o Oriente. Não esqueci tal coisa! O pêndulo do espírito oscila entre sentido e não-sentido e não entre verdadeiro e falso. O perigo do numinoso é que ele impele aos extremos e então uma verdade modesta é tomada pela *Verdade* e um erro mínimo por uma aberração fatal. Tudo passa: o que ontem era verdade, hoje é erro, e o que antes de ontem era considerado um erro será talvez uma revelação amanhã... e isto é ainda mais válido na dimensão psicológica, acerca da qual, na realidade, sabemos pouquíssimo. Muitas vezes negligenciamos isto e estamos longe de levá-lo em conta: que nada, absolutamente nada existe, enquanto uma consciência, por restrita que seja — luz efêmera —, não o advirta.

Minha conversa com Freud mostrara-me quanto ele temia, que a clareza numinosa de sua teoria sexual fosse extinta por uma onda de lodo negro. Assim, criava uma situação mitológica: a luta entre luz e

provas. Esta situação explica a numinosidade da questão e o recurso imediato a um meio de defesa, tirado do arsenal religioso: o dogma. No livro que escrevi pouco depois, que trata da psicologia da luta travada pelo herói,⁵ retomo o fundo mitológico da estranha reação de Freud.

A interpretação sexual por um lado, e a vontade de poder manifestada pelo dogma, por outro, me orientaram no correr dos anos para o problema tipológico, assim como para a polaridade e a energética da alma. Depois, comeci a investigação que se estendeu através de várias décadas, acerca da onda de todo negro do ocultismo; enforcei-me por compreender as condições históricas, conscientes e inconscientes, da psicologia moderna.

Eu queria conhecer as opiniões de Freud acerca da preconização e de parapsicologia em geral. Quando fui vê-lo em 1909, em Viena, perguntei-lhe o que pensava sobre isso. Fiel a seu preconceito materialista, repeliu todo esse complexo de questões, considerando-as mera tolice. Ele apelava para um positivismo de tal modo artificial que precisei conter uma resposta cáustica. Alguns anos decorreram antes que Freud reconhecesse a seriedade da parapsicologia e o caráter de dado real dos fenômenos "ocultos".

Enquanto Freud expunha seus argumentos eu tinha uma estranha sensação: meu diafragma parecia de ferro ardente, como se formasse uma abóboda ardente. Ao mesmo tempo um estalido ressoou na estante que estava a nosso lado, de tal forma que ambos nos assustamos. Pensamos que a estante ia desabar sobre nós. Foi exatamente essa impressão que nos causou o estalido. Eu disse a Freud: "Eis o que se chama um fenômeno catalítico de exteriorização". "Ah, disse ele, isso é um puro disparate!"

"De forma alguma, repliquei, o senhor se enganou, professor. E para provar-lhe que tenho razão, afirmo previamente que o mesmo estalido se reproduzirá." E, de fato, apenas pronunciara estas palavras, ouviu-se o mesmo ruído na estante.

Ainda hoje ignoro de onde me veio esta certeza. Eu sabia, porém, perfeitamente, que o ruído se reproduziria. Então, como resposta, Freud me olhou, horrorizado. Não sei o que pensou, nem o que viu. É certo, no entanto, que este acontecimento despertou sua desconfiança em relação a mim; tive o sentimento de que lhe fizera uma afronta. Nunca mais falamos sobre isso.⁶

O ano de 1909 foi decisivo para nossas relações. Fui convidado pela Clark University (Worcester, Massachusetts) para fazer con-

⁵ *Numinoso*: divino.

⁶ *Wandlungen und Symbole der Libido*, 1912. Nova edição: *Symbole der Wandlung*, 1952.

ferências sobre a experiência de associações. Independentemente, Freud também recebera um convite: decidimos fazer a viagem juntos.⁷ Encontramo-nos em Bremen; Ferenczi nos acompanhava. Em Bremen produziu-se um incidente que deu margem a muitas discussões: a síncope de Freud. Ela foi provocada — indiretamente — pelo interesse que eu demonstrava pelos "cadáveres dos pântanos". Eu sabia que em certas regiões do norte da Alemanha, eram encontrados os chamados "cadáveres dos pântanos". Tratava-se de cadáveres, alguns dos quais datam da pré-história, de homens que se afogaram nos pântanos ou que neles foram enterrados. A água dos pântanos contém ácidos vegetais que destroem os ossos e ao mesmo tempo, curtem a pele, de forma que esta e os cabelos ficam em perfeito estado de conservação. Produz-se um processo natural de mumificação, no curso do qual, sob o peso da turfa, os cadáveres se achatam completamente. Eles são encontrados às vezes quando se extrai a turfa em Holstein, na Dinamarca e na Suécia.

Eu pensava novamente sobre esses cadáveres, cuja história havia lido em Bremen, mas minhas lembranças se emaranhavam e eu os confundia com as múmias das jazidas de chumbo de Bremen. Meu interesse enervou Freud. "Por que você se importa com esses cadáveres?", perguntou-me várias vezes. Era claro que o assunto o encolerizava e, durante uma conversa sobre isso, à mesa, ele teve um síncope. Mais tarde, disse-me que estava persuadido de que a conversação acerca de cadáveres significava que eu desejava sua morte. Fiquei extremamente surpreendido com essa opinião! Espantei-me, principalmente, por causa da intensidade de suas fantasias, a ponto de causar-lhe uma síncope.

Numa circunstância análoga, Freud teve mais uma síncope diante de mim. Foi durante o congresso psicanalítico de Munique, em 1912. Alguém começara uma conversa sobre Amnoffs IV; sublinhava-se o fato de que devido a sua atitude negativa em relação ao pai, ele destruíra as vinhetas deste, nas estelas, e que havia um complexo paterno na origem de sua importante criação de uma religião monoteísta. Isso me irritou e procurei mostrar-lhe que Amnoffs fora um homem criador e profundamente religioso, cujos atos não podiam ser explicados por meros atos de resistência a seu pai. Pelo contrário, honrara a memória do pai e seu zelo destruidor só se dirigira contra o nome do deus Amon, que ele mandara apagar em toda parte. Dessa forma, isso também foi feito nas estelas de seu pai Amon-Hopet. Por outro lado, outros faraós haviam substituído, em monumentos e estelas, os nomes de seus ancestrais reais ou divinos, pelo próprio nome. Acreditavam-se autorizados para isso, devido ao fato de serem

⁷ Ver Apêndice, "Cartas de Jung a Sua Mulher".

as encarnações do mesmo deus. Entretanto, não haviam inaugurado nem um novo estilo, nem uma nova religião.

Nesse momento Freud esqueceu, desmaiando na cadeira. Nós o cercamos, sem saber o que fazer. Tomei-o, então, em meus braços, conduzi-o até o quarto vizinho, estendendo-o num sofá. Enquanto o carregava, vi que ele voltava um pouco a si, me olhando do fundo de sua aflição, com uma expressão que jamais esquecerei. O que quer que tenha contribuído para esse desmaio — a atmosfera era tensa —, esses dois casos têm em comum a fantasia do assassínio do pai.

Antes disso Freud me dissera várias vezes que me considerava seu sucessor. Essas alusões me perturbavam, pois sabia que jamais defenderia corretamente suas opiniões, isto é, no sentido que ele desejaria. Até então eu não conseguira ainda desenvolver minhas objeções de modo que ele as pudesse apreciar. Meu respeito por ele era sincero demais para que ousasse desafiá-lo numa explicação decisiva. A ideia de que deveria tomar, por assim dizer, a direção de um partido, contra minha convicção íntima, me era desagradável por muitos motivos. Tal papel não me convinha. Não podia sacrificar minha independência de espírito, e a perspectiva desse acréscimo de prestígio me contrariava, pois só significava para mim um afastamento de meus verdadeiros objetivos. Só me importava a pesquisa da verdade, e de forma alguma, a questão do prestígio pessoal.

Nossa viagem para os Estados Unidos, começada em Bremen em 1909, durou sete semanas. Estávamos juntos todos os dias e analisávamos nossos sonhos. Nessa época, tive alguns sonhos importantes; Freud, entretanto, não os conseguia penetrar. Não o censurei por isso, pois pode acontecer ao melhor analista não poder resolver o enigma de um sonho. Era uma falha humana que jamais me teria inclinado a interromper nossas análises oníricas. Pelo contrário, elas eram muito importantes, e eu considerava nossa relação extremamente preciosa. Vi em Freud o homem mais velho, mais maduro, mais experimentalmente, em mim, seu filho. Ocorreu, então, um acontecimento que me apresentou um rude golpe para a nossa relação.

Freud teve um sonho, cujo conteúdo não posso revelar. Interpretar o mais ou menos, acrescentando que poderia talvez adiantar algo mais, se ele me desse alguns detalhes suplementares, relativos à sua vida particular. Tal pedido provocou em Freud um olhar estranho — cheio de desconfiança — e disse: "Não posso arriscar minha autoridade!" Nesse momento, entretanto, ele a perdera! Esta frase ficou gravada em minha memória. Prefigurava já, para mim, o fim iminente de nossas relações. Ele punha sua autoridade pessoal acima da verdade.

Freud, como já disse, interpretava incompletamente meus sonhos de então, ou nem isso. Eles possuíam um conteúdo coletivo, e uma

considerável massa de material simbólico. Principalmente um deles me pareceu importante, levando-me pela primeira vez à noção do "inconsciente coletivo"; por esta razão, constituiu uma espécie de prelúdio a meu livro *Memórias e Símbolos da Libido*.

Eis o sonho: eu estava numa casa desconhecida, de dois andares. Era a "minha" casa. Estava no segundo andar onde havia uma espécie de sala de estar, com belos móveis de estilo rococó. As paredes eram ornadas de quadros valiosos. Surpreso de que essa casa fosse minha, pensava: "Nada mau!" De repente, lembrei-me de que ainda não sabia qual era o aspecto do andar inferior. Desci a escada e cheguei ao andar térreo. Ali, tudo era mais antigo. Essa parte da casa datava do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho vermelho. Tudo estava mergulhado na penumbra. Eu passava pelos quartos, dizendo: "Quero explorar a casa inteira!" Cheguei diante de uma porta pesada e a abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia à adega. Descendo-a, cheguei a uma sala muito antiga, cujo teto era em abóbada. Examinando as paredes descobri que entre as pedras comuns de que eram feitas, havia camadas de tijolos e pedaços de tijolo na argamassa. Reconheci que essas paredes datavam da época romana. Meu interesse chegara ao máximo. Examinei também o piso recoberto de lajes. Numa delas, descobri uma argola. Puxei-a. A laje deslocou-se e sob ela vi outra escada de degraus estreitos de pedra, que desci, chegando enfim a uma gruta baixa e rochosa. Na poeira espessa que recobria o solo havia ossadas, restos de vasos, e vestígios de uma civilização primitiva. Descobri dois crânios humanos, provavelmente muito velhos, já meio desintegrados. — De pois, acordei.

O que mais interessou a Freud nesse sonho, foram os dois crânios. Falava continuamente deles e sugeriu-me que descobrisse em mim, dentro do contexto, um desejo eventual. O que pensava eu dos crânios? De quem eram? Naturalmente, eu sabia muito bem onde ele queria chegar: neles se dissimulariam desejos secretos de morte. "Mas, afinal de contas, o que pretende ele?", pensava comigo mesmo. De quem desejo a morte? Sentia violentas resistências contra uma tal interpretação; desconfiava também da verdadeira significação do sonho. Mas, nessa época, não tinha ainda confiança em meu julgamento e desejava conhecer a opinião de Freud. Queria saber o que ele achava; obedeci, pois, à sua intenção e disse: "minha mulher e minha cunhada" — pois era preciso citar alguém de quem valeria a pena desejar a morte!

Eu era ainda recém-casado e sabia perfeitamente que nada em mim indicava um tal desejo. Mas não teria podido dar a Freud minhas próprias associações para interpretar o sonho sem chocar-me com sua incompreensão e com violentas resistências. Não me sentia qualificado para defrontar-me com ele. Tinha também perder sua

antizade se mantivesse meu ponto de vista. Por outro lado, queria saber o que resultaria de minha resposta e de que forma ele reagiria se eu o enganasse, exagerando sua própria doutrina. Assim, pois, menti.

Tinha perfeita consciência que, do ponto de vista moral, minha maneira de agir era censurável. Mas teria sido impossível, então, descobrir a Freud o mundo de meus pensamentos. Entre seu mundo e o meu havia um abismo demasiado profundo. De fato, Freud ficou como que aliviado com a minha resposta. Desta maneira pude perceber que ele ficava desamparado diante de sonhos desta espécie, e que buscava refúgio em sua própria doutrina. Quanto a mim, queria descobrir o verdadeiro sentido do sonho.

Era claro que a casa representava uma espécie de imagem da psique, isto é, da minha situação consciente de então, com complementos ainda inconscientes. A consciência era caracterizada pela sala de estar e parecia habitável, apesar do estilo antiquado.

No andar térreo já começava o inconsciente. Quanto mais eu descia em profundidade, mais as coisas se tornavam estranhas e obscuras. Na gruta, descobri restos de uma civilização primitiva, isto é, o mundo do homem primitivo em mim; esse mundo não podia ser atingido ou iluminado pela consciência. A alma primitiva do homem com a vida da alma animal, da mesma forma que as grutas dos tempos primitivos foram freqüentemente habitadas por animais, antes que os homens se apoderassem delas.

Tomiei consciência, então, de um modo todo particular, da grande diferença que separava a atitude mental de Freud de minha própria. Eu crescera na atmosfera intensamente histórica de Basiléia, no fim do século anterior, e a leitura dos velhos filósofos me proporcionara um certo conhecimento da história da psicologia. Quando refletia sobre os sonhos, ou sobre os conteúdos do inconsciente, nunca o fazia sem recorrer a comparações históricas: em meus tempos de estudante, utilizava-me para isso do velho dicionário de filosofia de Krug. Conhecia particularmente bem os autores do século XVIII e também os do começo do século XIX. Esse mundo constituía a atmosfera de minha sala de estar do primeiro andar. Quanto a Freud, minha impressão era a de que para ele "a história do espírito humano" começava com Büchner, Moleschott, Dubois-Reymond e Darwin.

O sonho acrescentava à minha situação consciente que acabo de descrever outras camadas de consciência: o andar térreo de estilo medieval, há muito abandonado, a adega romana e, enfim, a gruta pré-histórica representavam épocas findas e níveis de consciência ultrapassados.

Durante os dias que precederam o sonho, muitos problemas me haviam preocupado ardentemente: as premissas sobre as quais repousa a psicologia freudiana? Em que categoria do pensamento

humano deve ser colocada? Qual a relação entre seu personalismo quase exclusivo e os antecedentes históricos gerais? Meu sonho dava a resposta. Remontava, evidentemente, às bases da história das civilizações, que é uma história dos estados sucessivos da consciência. Descrescia, como um diagrama estrutural da alma humana, uma conexão prévia de natureza essencialmente *impessoal*. Esta idéia pareceu-me evidente: *it clicked*, como dizem os ingleses; e o sonho se tornou para mim uma imagem diretiva que, em seguida, se confirmou numa medida imprevisível. Por causa desse sonho pensei, pela primeira vez, na existência de um a-priori coletivo da psique pessoal, a-priori que considerei primeiramente como sendo os vestígios funcionais anteriores. Só mais tarde, quando minhas experiências se multiplicaram e meu saber se consolidou, reconheci que esses modos funcionais eram formas do instinto: os arquétipos.

Nunca pude concordar com Freud que o sonho é uma "fachada" atrás da qual seu significado se dissimula, significado já existente, mas que se oculta quase que maliciosamente à consciência. Para mim, os sonhos são natureza, e não encerram a menor intenção de enganar; dizem o que podem dizer e tão bem quanto o podem como faz uma planta que nasce ou um animal que procura pasto. Os olhos também não procuram nos enganar: talvez sejamos nós que nos enganemos, porque nossos olhos são míopes! Ou então, ouvimos mal porque nossos ouvidos são um pouco surdos, mas não são eles que nos querem enganar. Muito antes de conhecer Freud, eu considerava o inconsciente — da mesma forma que os sonhos, sua expressão imediata — como um processo natural, desprovido de qualquer arbitrariedade e, acima de tudo, de qualquer intenção de prestidigitação. Não tinha qualquer motivo para supor que as malícias da consciência se estendessem também aos processos naturais do inconsciente. Pelo contrário, a experiência quotidiana me ensinou com que resistência encontrada o inconsciente se opõe às tendências do consciente.

O sonho da casa teve um curioso efeito sobre mim: despertou meu antigo interesse pela arqueologia. Voltando a Zurique, li um livro sobre as escavações na Babilônia e diversas obras sobre os mitos. O acaso me conduziu ao *Symbolismo e Mitologia dos Povos Antigos*, de Friedrich Creuzer,⁸ e esse livro me entusiasmou. Li-o como que num transporte; levado por um interesse ardente, estudei um amontoado de materiais mitológicos e gnósticos, para enfim chegar a uma desorientação total. Senti-me tão desamparado como outrora, na clínica, quando tentava compreender o sentido dos estados psicóticos. Tinha a impressão de estar num asilo de alienados imaginários e comecei a "tratar" todos esses centauros, ninfas, deuses e deusas, do livro de Creuzer, a analisá-los como se fossem meus doentes. No curso

⁸ Leipzig e Darmstadt, 1810-1823.

desse estudos não me escapou o quanto a mitologia antiga era próxima da psicologia dos primitivos, o que me impeliu a um exame intensivo desta última. O interesse que Freud manifestara no mesmo instante pelo mesmo assunto causou-me certo mal-estar, porque acreditei ver nisso uma predominância de sua doutrina em relação aos fatos.

Quando estava imerso nesses trabalhos, encontrei os materiais fantasmagóricos nascidos da imaginação de uma jovem americana que eu não conhecia, Miss Miller. Haviam sido publicados por Teodoro Flournoy, amigo paternal, que gozava de toda minha estima, nos *Archives de Psychologie*⁹ (Genebra). Fiquei imediatamente impressionado pelo caráter mitológico dessas fantasias. Agiram como um catalisador sobre as idéias ainda desordenadas que eu acumulava. A partir dessas fantasias, e também dos conhecimentos que adquirira sobre a mitologia, nasceu meu livro *Mémoires et Symboles de Libido*. Enquanto trabalhava nele, tive sonhos dos mais significativos, que já indicavam minha ruptura com Freud. Um dos mais impressionantes se desenrolava numa região montanhosa, nas proximidades da fronteira austro-helvética. Era quase noite: vi um homem de certa idade trajando um uniforme de fiscal de alfândega da monarquia imperial e real. Um pouco curvo, passou perto de mim, sem me dar atenção. Outras pessoas também lá estavam, e através delas vim a saber que esse velho não era real, mas somente o espírito de um empregado da alfândega morto havia alguns anos. "É um desses homens que não podem morrer", disse alguém.

Essa foi a primeira parte do sonho. Quando comecei a analisá-lo, a "alfândega" fez-me imediatamente pensar na "censura"; a "fronteira" pareceu-me significar, por um lado, a que existe entre o consciente e o inconsciente e, por outro lado, a que existe entre as opiniões de Freud e as minhas. O controle na fronteira — de uma extrema minúcia — parecia referir-se à análise. Na fronteira, as bagagens são abertas para serem examinadas, por causa do possível contrabando. Dessa forma, descobrem-se os pressupostos inconscientes. O velho empregado da alfândega, ao que parece, havia sentido tão pouca alegria e satisfação em sua carreira, que sua filosofia tinha um aspecto cinzento. Não pude afastar a analogia com Freud.

Freud tinha então, em 1911, num certo sentido, perdido sua autoridade sobre mim. Mas depois, como antes, eu o considerava uma personalidade superior, na qual projetava a imagem do pai e, no momento do sonho, essa projeção estava longe de ter desaparecido. Em presença de uma tal projeção, perde-se a objetividade e os jul-

gamentos que se faz são ambíguos. Por um lado, é sensível a dependência e, por outro, experimentam-se resistências. Na época desse sonho, eu tinha ainda Freud em alta estima — mas, por outro lado, minha atitude não era isenta de crítica. Esta dupla atitude indicava que, nessa situação, eu ainda estava inconsciente e ainda não a submetera à reflexão. Isso é característico a todas as projeções. O sonho me incitava a esclarecer esse assunto.

Impressionado pela personalidade de Freud, eu havia, tanto quanto possível, renunciado ao meu próprio julgamento e recalado minha crítica. Era a condição de minha colaboração. Dizia a mim mesmo: "Freud é muito mais inteligente do que você e tem uma experiência muito mais ampla. No momento você deve contentar-se em ouvir o que ele diz, instruindo-se com ele." Depois, com grande estapato, sonhei que ele era um empregado rabugento da monarquia austríaca imperial e real, um inspetor de alfândega já morto, que continuava a "voltar". Seria isso a expressão do desejo de morte a que Freud já aludira. Não pude encontrar em mim qualquer parcela de personalidade susceptível de um tal desejo, pois eu queria, ardentemente, e com um egoísmo sem máscara, colaborar com ele e participar da riqueza de sua experiência; além disso, nossa amizade era preciosa para mim. Não tinha, pois, qualquer motivo para desejar a sua morte. Mas talvez o sonho fosse um corretivo, uma compensação de minha estima e de minha admiração conscientes que — apesar de tudo — eram excessivas. O sonho recomendava uma atitude um pouco mais crítica; eu me sentia consternado, se bem que a última frase do sonho parecesse encerrar uma alusão à sua imortalidade.

O episódio do empregado da alfândega não pusera fim ao sonho; pelo contrário, depois de um intervalo, houve uma segunda parte, impressionante. Eu estava numa cidade da Itália, entre as doze e treze horas. Um sol ardente inundava as ruas. A cidade era construída sobre colinas e me lembrava um certo bairro de Basileia: o Kohlenberg. As ruas que descem para o vale da Birsig e se estendem através da cidade são, muitas vezes, ruas em escada. Uma delas descia até a Praça Bartüsser. Era Basileia, e no entanto era também uma rua italiana, talvez em Bérnago. Sendo verão, o sol brilhava no zênite e tudo estava banhado por uma viva luz. Muitas pessoas vinham em minha direção, e eu sabia que as lojas se fechavam e que as pessoas voltavam às suas casas para almoçar. No meio desse fluxo humano caminhava um cavaleiro vestido com uma armadura. Subia a colina em direção a mim. Usava um capacete antigo com arcolhos e uma cota de malhas; sobre ela trazia uma veste branca, com uma cruz vermelha tecida no peito e nas costas.

Podem imaginar a impressão que me causou um cruzado caminhando em minha direção, de repente, numa cidade moderna, ao meio-dia, na hora de maior movimento! Observei que nenhuma das

⁹ Sobre Th. Flournoy, ver Apêndice.

outras pessoas parecia percebê-lo. Ninguém se voltava para olhá-lo. Tive a impressão de que era completamente invisível para os outros. Eu me interrogava sobre o significado dessa aparição e ouvi, como se alguém respondesse — apesar de não haver ninguém por perto — : “Sim, é uma aparição, que volta regularmente; sempre entre doze e treze horas, o cavaleiro passa por aqui, há muito tempo (tive a impressão que tal coisa ocorria há séculos) e todos já sabem disso.”

O sonho me causou uma profunda impressão. Entretanto, não o compreendi nessa época. Acabrunhado e perturbado, não sabia o que fazer.

O cavaleiro e o chefe da alfândega eram personagens que se opunham um ao outro. O empregado da alfândega era um fantasma, um ser que “ainda não podia morrer”, uma aparição em vias de desaparecer-se. O cavaleiro, ao contrário, parecia cheio de vida e de uma realidade perfeita. A segunda parte do sonho era extremamente numinosa: a cena da fronteira sóbria e pouco impressionante; somente as reflexões que fiz a respeito me haviam tocado.

Quanto à figura enigmática do cavaleiro, não consegui articulá-la em minhas idéias, nem compreender-lhe completamente o sentido. Apenas muito tempo depois, quando meditei profundamente sobre o sonho, pude alcançar seu significado. Enquanto sonhava, sabia que o cavaleiro era do século XII, época em que a alquimia começou, assim como também a busca do Santo Graal. Desde minha juventude as histórias do Graal desempenharam um grande papel em minha imaginação. Li essas histórias pela primeira vez aos quinze anos e isso foi um acontecimento inesquecível; uma impressão que nunca mais desapareceu! Desconfiava que havia um mistério nessas histórias. Assim, pois, pareceu-me natural que o sonho evocasse de novo o mundo dos cavaleiros do Graal e sua busca; era esse o meu mundo, no mais íntimo sentido da palavra, sem relações com o de Freud. Tudo em mim buscava essa parte ainda ignorada, que pudesse dar sentido à banalidade da vida.

Sentia uma profunda decepção: através de todos os esforços do espírito indagador, não conseguia descobrir aparentemente nada, nas profundezas da alma, a não ser o “humano demasiado humano”, já por demais conhecido. Cresci no campo, entre camponeses e o que o estábulo me havia ensinado aprendia também através dos chistes rabelaisianos, e das fantasias desabridas do folclore de nossos camponeses. O incesto e as perversidades não representavam para mim novidades dignas de nota e não mereciam explicações particulares. Perenciam, como a criminalidade, ao resíduo negro que estragava o gosto da vida, pondo-me diante dos olhos, com demasiada nitidez, a fealdade e estupidéz da existência humana. Que as couves tirassem seu viço do estercor era para mim um fato natural. Não encontrava nisso qualquer esclarecimento confortante. Só as pessoas da cidade

parecem ignorar tudo acerca da natureza e do estábulo humano — pensei — cansado há muito tempo dessas coisas “pouco atraentes”.

Naturalmente, as pessoas que nada sabem da natureza são neuróticas, pois não estão adaptadas à realidade. São ainda demasiado ingênuas, como crianças, e têm necessidade de que se lhes ensine que são humanas como todas as outras. Entretanto, este conhecimento não basta para curar as neuroses; só reobrirão a saúde se conseguirem sair da lama quotidiana. Mas se comprazem demasiadamente no que antes fora recalçado. E de que maneira poderiam sair disso se a análise não as desperta para a consciência do que é diferente e melhor? Se a própria teoria as atola na neurose e só lhes abre como solução a decisão racional ou “razoável” de abandonar enfim as infantilidades, o que lhes restará? Pois é isso, precisamente, aquilo de que são incapazes; e como poderiam tornar-se capazes não se descobrindo algo que possa servir-lhes de ponto de apoio? Não se pode abandonar uma forma de vida sem mudá-la por outra. Uma conduta de vida razoável sob todos os pontos de vista é, em regra geral, impossível; a experiência o prova, principalmente quando, como o neurótico, se tem a tendência natural de ser desarrazoado.

Compreendi, então, porque a psicologia pessoal de Freud me interessava tanto. Minha necessidade era saber, de qualquer maneira, em que consistia sua “solução razoável”. Para mim, isso era uma questão vital e me sentia pronto para grandes sacrifícios, a fim de obter a resposta. Comecei a ver claro. Ele mesmo sofria de uma neurose, de uma neurose fácil de diagnosticar, com sintomas muito incômodos, tal como pude descobrir por ocasião de nossa viagem à América. Nessa época, ele me ensinara que todos são algo neuróticos e que é preciso, portanto, ser tolerante. Entretanto, esta afirmação não me contentava: eu queria saber de que maneira se poderia evitar uma neurose. Virá que nem Freud, nem seus discípulos podiam compreender a importância que tinha, para a teoria e a prática da psicanálise, o fato de o próprio mestre não poder sair de sua própria neurose. Quando ele manifestou a intenção de identificar teoria e método para fazer disso uma série de dogmas, senti que não poderia continuar a colaborar com ele. Nada pude fazer senão me afastar.

Quando estava quase acabando de escrever *Metamorfoses e Símbolos da Libido*, eu sabia de antemão que o capítulo “O Sacrifício” me custaria a amizade de Freud. Nele expus minha própria concepção do incesto da metamorfose decisiva do conceito de libido e de outras idéias, que representavam meu afastamento de Freud. Para mim, o incesto, só em casos extremamente raros, constitui uma complicação pessoal. Na maior parte dos casos, representa um papel altamente religioso e é por este motivo que desempenha um papel decisivo em quase todas as cosmogonias e em inúmeros mitos. Mas

Freud, atendo-se ao sentido literal do termo, não podia compreender o significado psíquico do incesto como símbolo. E eu sabia que ele jamais o aceitaria.

Falei sobre isto com minha mulher, comunicando-lhe meus receios. Ela tentou tranquilizar-me, porque sua opinião era que Freud, graças à sua visão ampla, admitiria meu modo de ver, ainda que não o aceitasse. Mas, na minha opinião, ele não seria capaz de admiti-la. Durante dois meses não consegui escrever, de tal modo me sentia atormentado por esses conflitos. Deveria calar meu modo de pensar ou arriscar nossa amizade? Finalmente decidi escrever; isso custou-me a amizade de Freud.

Depois da ruptura com ele, todos os meus amigos e conhecidos se afastaram de mim. Meu livro não foi considerado uma obra séria. Passei por um místico e desse modo encerraram o assunto. Riklin e Maeder foram os únicos que ficaram a meu lado. Mas eu tinha previsto a solidão e não me iludi acerca das reações dos pretensos amigos. Muito pelo contrário, refleti profundamente sobre o assunto. Sabia que o essencial estava em jogo e que deveria tomar a peito minhas convicções. Vi que o capítulo "O Sacrifício" representava o meu sacrifício. Isso posto, pude recomençar a escrever, se bem que soubesse de antemão que ninguém compreenderia minhas idéias.

Olhando para trás, posso dizer que sou o único que prosseguiu o estudo dos dois problemas que mais interessaram a Freud: o dos "resíduos arcaicos" e o da sexualidade. Espalhou-se o erro de que não vejo o valor da sexualidade. Muito pelo contrário, ela desempenha um grande papel em minha psicologia, principalmente como expressão fundamental — mas não a única — da totalidade psíquica. Minha preocupação essencial era, no entanto, aprofundar a sexualidade, além de seu significado pessoal e seu alcance de função biológica, explicando-lhe o lado espiritual e o sentido numinoso. Expressa, assim, o que fascina Freud, sem que este o compreendesse. Os livros *Psicologia da Transferência e Mysterium conjugationis* expõem minhas idéias sobre o tema. Como expressão de um espírito etílico¹⁰, a sexualidade é da maior importância. Esse espírito é a "outra face de Deus", o lado sombrio da imagem de Deus. Os problemas do espírito etílico me preocuparam desde que tomei contacto com o mundo das idéias da alquimia. Em suma, essas preocupações tinham despertado no curso dessa antiga conversa com Freud, quando percebi o quanto ele estava perturbado com a sexualidade, sem poder, entretanto, explicar-me sua comoção.

¹⁰ *Ctónico* (do grego *khronos*, a Terra); que provém das profundezas da Terra.

O maior feito de Freud foi, sem dúvida, tomar a sério seus doentes neuróticos e se haver consagrado ao que sua psicologia tem de individual e de particular. Ele teve a coragem de dar a palavra à casuística, penetrando dessa forma na psicologia individual do doente. Poder-se-ia dizer que via com os olhos do doente, chegando assim a uma compreensão mais profunda da doença que até então não tinha sido possível. Neste ponto, não tinha qualquer idéia preconcebida e era extremamente corajoso. Isso permitiu-lhe ultrapassar uma multidão de preconceitos. Tal como um profeta do Antigo Testamento, tentou derrubar os falsos deuses, abrindo a cortina que velava uma quantidade de desonestidades e hipocrisias, trazendo à luz, sem qual-quer piedade, a podridão da alma contemporânea. Não teve medo de assumir a impopularidade de tal empreendimento. Fazendo isso, deu à nossa civilização um novo impulso, que consistia na descoberta de um acesso ao inconsciente. Reconhecendo o sonho como a mais importante fonte de informações sobre os processos do inconsciente, arrancou ao passado e ao esquecimento um valor que parecia irremediavelmente perdido. Provou empiricamente a existência de uma psique inconsciente, que antes era apenas um postulado filosófico nas filosofias de Carl Gustav Carus e Eduard von Hartman.

Não é exagero dizer que a consciência da civilização que reina hoje em dia, na medida em que reflete sobre si mesma filosoficamente, ainda não aceitou a idéia do inconsciente e de suas consequências, se bem que esteja confrontada com ele há mais de meio século. É ainda uma tarefa do futuro integrar a noção geral e básica de que nossa existência psíquica tem dois pólos.